

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TRÊS VEZES JOAN BENNETT

12 e 19 de Junho de 2023

WEDDING PRESENT / 1936

um filme de RICHARD WALLACE

Realização: Richard Wallace *Argumento:* Joseph Anthony *a partir de uma história de* Paul Gallico *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Leon Shamroy *Som:* Jack A. Goodrich *Montagem:* Robert Bischoff *Música:* Gerard Carbonara, John Leipold, Marlin Skiles (*não creditados*) *Direcção musical:* Boris Morros *Direcção artística:* Hans Dreier, A. Earr Hedrick *Cenografia:* George T. Nicoll *Guarda-roupa:* Irene *Interpretação:* Joan Bennett (Monica “Rusty” Fleming), Cary Grant (Charlie Mason), George Bancroft (Pete Stagg), Conrad Nagel (Roger Dodacker), Gene Lockhart (Arquiduque Gustav Ernest), William Demarest (“Smiles” Benson), Inez Courtney (Mary Lawson), Edward Brophy (Squinty), Purnell Pratt (Howard Van Dorn), Douglas Wood (Willett), George Meeker (Gordon Blaker), etc.

Produção: Paramount Films (EUA, 1936) *Produtor:* B. P. Schulberg *Cópia:* Blu ray, preto-e-branco, versão original em inglês com legendas electrónicas em português, 81 minutos *Estreia:* 9 de Outubro de 1936 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação em Portugal, na Cinemateca:* 18 de Julho de 2001 (“Raoul Walsh”), no Salão Foz.

Será preciso esperar pelo final de *Wedding Present* para que venha à lembrança a passagem de Ado Arrieta na Cinemateca há um ano, quando mostrou *Flammes* (1978) em afinidade electiva com *It Had to Be You* (Don Hartman, Rudolph Maté, 1947), a comédia *screwball* de laivos estonteantes em que Ginger Rogers interpreta o papel de uma noiva em fugas recorrentes do altar no instante imediatamente anterior ao “sim”. Menos pelas núpcias do que pelo alarido das sirenes de bombeiros e pela alegria do desfecho sobre rodas. Literalmente as de um carro identificado como frota de um manicómio e em que o tejadilho serve de esteira aos dois encantadores apaixonados deste filme de 1936. *Wedding Present* não é sempre tão delirante, tão magnífico, como o seu divertido *The end*, mas tem sempre graça. Constrói-se como uma dessas comédias tresloucadas e tem a curiosidade do par que é o seu motor e a sua fibra. Não é de somenos.

Quando Joan Bennett encontrou Cary Grant nos anos 1930 o encontro aconteceu na Paramount e surtiu dois filmes: *Big Brown Eyes* de Raoul Walsh e *Wedding Present* de Richard Wallace. Se o Walsh, terceiro filme da actriz com o realizador pioneiro e já então “veterano” estreado poucos meses antes do segundo, é absolutamente memorável, o segundo corresponde à desprezível proposta de emparelhar as duas jovens estrelas numa comédia ligeira de fundo *screwball* em que só não há re-casamento porque em vez de casamento há não-casamento. Tanto Joan como Cary contavam uma série de filmes e em ambos os percursos o ano de 1933 contempla os primeiros papéis de relevo: ela no elenco das *Little Women* de George Cukor, ao lado de Katharine Hepburn, Frances Dee e Jean Parker, embora seja aos mais tardios *Private Worlds* (Gregory La Cava, 1935), protagonizado por Claudette Colbert e Charles Boyer, e *Trade Wings* (Tay Garnett, 1938), em que Bennett contracena com Fredric March, que se associa o “golpe de sorte” na sua carreira; ele com Mae West em *She Done Him Wrong* de Lowell Sherman e *I’m no Angel* de Wesley Ruggles, embora o próprio destacasse *Sylvia Scarlett* (George Cukor, 1935), em que contracena pela primeira vez com Katharine Hepburn e não obstante o fracasso na época, como o filme da sua verdadeira primeira grande oportunidade.

Charlie Mason, ele, e Rusty Fleming, ela, são repórteres, colegas de redação do mesmo jornal de Chicago e namorados. Idiotas e malucos, conforme se apresentam em frente ao notário que não há-de casá-los no princípio da história, quando firmam uma espécie de pacto de não-casamento. “Almost married”, estado civil supostamente mais afim com os seus espíritos de contradição, argumentos na ponta da língua trocados à (quase) velocidade da luz, uma paridade de atitudes visualmente firmada na sequência da noite passada à distância de duas cidades e uma chamada telefónica em que entretêm num jogo de enganos negado pelo enquadramento paralelo dos dois no mesmo plano. A história conta-se entre dois não-casamentos, inclui o inevitável momento de separação quando os dois se desentendem porque, promovido a editor, ele não lida bem com o exercício da autoridade e, assim sendo, depois de tentar infernizar-lhe infantilmente a vida, ela muda-se para Nova Iorque onde pondera casar-se com um escritor algo manhoso. É claro que tudo pode mudar no momento em que a sua efectiva “cara-metade” percebe ter-se transformado num pequeno traste. “I want to be a human being again.” Nova Iorque é o caminho. Nem que seja preciso chamar todos os bombeiros da cidade para acorreram ao fogo que não se vê, coisa que ele faz como quem não-oferece um presente de casamento. O fogo da sequência de fim não é literal, mas é quando o registo *screwball* é de facto ateadado, tal é o ritmo e a maluqueira. Saúda-se.

Maria João Madeira